

PREFÁCIO

Fé na Vida, Fé no Homem, Fé no que Virá
(Gonzaguinha)

A inclusão social de pessoas com deficiência no Brasil é um tema que há vinte anos vem sendo motivo de debates, estudos, pesquisas e que resulta de múltiplos fatores, destacando-se as conquistas políticas e sociais pelos Direitos Humanos, as contribuições teóricas das Ciências Sociais e Humanas que se entrelaçam, dando suporte e força política aos movimentos sociais organizados por essas pessoas em defesa dos seus direitos. São segmentos sociais que desafiam o poder público, se fortalecem e se tornam visíveis, falando de si e de suas necessidades, e levantando suas bandeiras com as próprias mãos. Estimulam reflexões num convite ao abandono do conceito de deficiência sob o ângulo da falta ou da perda, para uma compreensão social e relacional, sem, entretanto, negar a condição biológico-funcional que resultam em suas singulares condições sensorial, intelectual, física ou linguística. Clamam por uma educação que promova seu desenvolvimento integral, com o acesso a tudo a que tem direito um cidadão e que lhe possibilite sua inclusão e participação plena na vida social.

Esse contingente social minoritário, público alvo da educação especial na perspectiva da inclusão, promove o reconhecimento de que a deficiência é um conceito em transformação, e que resulta de sua interação com o meio social. Certamente, esse entendimento fundamenta-se nas vivências de confronto e enfrentamento com as barreiras a ele impostas. Barreiras que se expressam das mais variadas formas, tendo como pano de fundo as atitudes inadequadas que influenciam uma organização social muitas vezes hostil, e que bloqueia a inclusão dessas pessoas, em igualdade de oportunidades.

Considerando que um dos objetivos da universidade é formar profissionais para atuar na sociedade, entendemos que a formação deve ser coerente com a realidade do cotidiano escolar. Pois bem, a organização deste livro surge da necessidade de compartilhar e ampliar conhecimentos relativos à educação de pessoas que compõem o público alvo da educação especial na perspectiva da inclusão, oferecendo múltiplos olhares a essa temática, ainda tratada de modo tão tênue nos cursos de licenciatura. Portanto, os textos aqui disponibilizados podem auxiliar estudantes em formação, futuros docentes que atuarão nas escolas do sistema brasileiro de ensino, onde as crianças e jovens com deficiência devem estar incluídas.

Nele estão reunidos textos, frutos de estudos e pesquisas, e de experiências desenvolvidas por diversos autores que atuam na educação especial, e que certamente contribuem para uma ampla compreensão acerca dessas crianças e jovens que apresentam singulares condições física, sensorial, intelectual e linguística, considerando suas possibilidades e seus modos diferenciados de aprender e apreender o mundo e com ele se relacionar.

O capítulo inicial, apresentado pelas professoras Vanda Magalhães Leitão e Selene Maria Penaforte Silveira traz uma introdução aos estudos da Educação Espe-

cial, considerando importantes marcos históricos, políticos, sociais e conceituais, apontando para as perspectivas atuais. Tratam das transformações pelas quais passam as políticas nacionais que dão as diretrizes para a organização e gestão dessa modalidade de ensino que perpassa todos os níveis e demais modalidades. Quais serão os grandes desafios atuais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva? Para os leitores interessados, fica o convite das autoras para essa reflexão.

No capítulo dois, é chegada a hora de desenvolver considerações sobre o processo de aquisição da língua portuguesa por estudantes surdos. De autoria da professora Renata Castelo Peixoto, e intitulado *Entre Palavras e Sinais: algumas considerações sobre a alfabetização em Língua Portuguesa de Alunos Surdos*, o texto de reconhecida densidade trata da complexidade que é o ensino da língua portuguesa como segunda língua para crianças e jovens surdos. Quais as singularidades desse processo? O que está em falta na escola para que essa habilidade se construa?

As experiências de leitura e escrita vivenciadas por alunos com Síndrome de Down são abordadas no capítulo três, pelas professoras Adriana Leite Limaverde Gomes e Rita Vieira de Figueiredo, fruto de pesquisa que vêm desenvolvendo com o citado público. Quais os fatores que influenciam esse processo? Em que medida a família desempenha um papel importante para que a criança ou jovem com Síndrome de Down desenvolva a leitura? Que situações de letramento podem ser oferecidas para estimular essa aquisição?

No quarto capítulo, o destaque é dado à importância dos recursos oferecidos pela Tecnologia Assistiva, área do conhecimento que vem desenvolvendo múltiplos recursos tecnológicos para que as pessoas cegas ou com baixa visão tenham acesso às informações e ao conhecimento produzido no âmbito acadêmico, com segurança

e autonomia. Elisângela B. Magalhães e o professor Jorge Carvalho Brandão revelam a utilização das mais variadas tecnologias disponibilizadas e que podem beneficiar estudantes de todos os níveis e modalidades de ensino. Oferecem recomendações quanto ao uso da tecnologia assistiva e como explorar suas possibilidades na educação dessas pessoas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Contexto e Prática no Ensino de Matemática para alunos Surdos é o título do quinto capítulo deste livro. As autoras Flávia Roldan Viana e Marcília Chagas Barreto abordam sobre o ensino de Matemática para alunos surdos, ressaltando a importância das interlocuções e da construção de significações nas mais diversas situações de aprendizagem. A partir da compreensão de que o estudante surdo é um sujeito visual, as autoras recomendam que os contextos educacionais devam privilegiar essa experiência visual a fim de garantir aprendizagens escolares significativas. Que práticas pedagógicas são essas que priorizam estratégias visuais?

No sexto capítulo a professora Margarida Maria Pimentel de Souza discorre sobre *O educando surdo: uma discussão para além da língua(gem)*. Neste artigo a autora aborda sobre a trajetória do atendimento a esse grupo que se diferencia linguisticamente, por ser falante da língua de sinais. A autora estimula o leitor a refletir e compreender acerca da cultura e da identidade surda, a partir da singularidade linguística desse grupo, diferenciando comunidade e cultura. Em que diferem: cultura surda e comunidade surda?

O sétimo artigo intitulado *O Pequeno Príncipe, uma unidade didática: o despertar de estudantes surdos para novos conhecimentos*, escrito por Sandra Patrícia de Faria do Nascimento e Juliana Resende Nista mostra estratégias para o ensino da língua portuguesa para estudantes surdos, com

base nos pressupostos teóricos, discursivos e interacionistas para o ensino de segunda língua e nos estudos surdos e culturais. As autoras apresentam uma unidade de ensino bastante criativa, constituída de estratégias para a leitura e interpretação das legendas do filme e sem perder de vista o ensino de estruturas lexicais das unidades eleitas para a construção do sentido do texto.

Com esse cunho reflexivo, provocador, os autores mantêm um diálogo com o leitor. Ao final de cada capítulo, os autores incluíram uma atividade relacionada ao tema tratado, porque queremos possibilitar uma relação mais estreita com o futuro professor e contribuir de maneira significativa para uma reflexão teórico-prática.

Temos a expectativa de que esta coletânea de textos estimulem os leitores a conhecer cada vez mais as temáticas ora apresentadas, ampliando a capacidade crítica e investigativa, além de servir como referência para a adoção de práticas pedagógicas inclusivas.

Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin
Vanda Magalhães Leitão